

Por que educar é um ato de resistência?

Why education is an act of resistance?

*Walquiria Marcelina de Almeida
Kátia Regina de Souza da Silva
José Guilherme de Oliveira Castro*

DOI: 10.47573/aya.5379.2.87.1

RESUMO

Abordar esse tema nos leva a uma autorreflexão de nossas tarefas educativas frente à sociedade e ao ser humano. É um tanto desafiador no mundo cheio de competições onde a disputa pelo poder é uma constante na vida das pessoas. Diante dessa realidade, esse artigo assume a tarefa de analisar reflexões acerca da capacidade de transformação da dialética da pedagogia da resistência, no âmbito do educar entre continuidade, rupturas e inovação, nos tempos atuais. Esta é uma revisão bibliográfica com base nas concepções de Marconi e Lakatos (2017), fundamentada pelos estudos de Paulo Freire (1980), Marx (1986) e Henry Giroux (1986), que indiscutivelmente perpassam pela discussão central sobre a dialogismo formativo das instituições escolares, que são as mediadoras desse processo reflexivo, além de configurarem um espaço de (re)construção e socialização do conhecimento conectado.

Palavra-chave: educação. pedagogia da resistência. formação do professor. alunos.

ABSTRACT

Addressing this theme leads us to a self-reflection of our educational tasks in relation to society and the human being. It is somewhat challenging in the world full of competitions where the dispute for power is a constant in people's lives. Faced with this reality, this article takes on the task of analyzing reflections on the capacity of transforming the dialectic of the pedagogy of resistance, in the context of educating between continuity, ruptures and innovation, in current times. This is a bibliographic review based on the conceptions of Marconi and Lakatos (2017), based on the studies of Paulo Freire (1980), Marx (1986) and Henry Giroux (1986), which undoubtedly permeate the central discussion about the formative dialogism of institutions schoolchildren, who are the mediators of this reflexive process, in addition to configuring a space for (re)construction and socialization of connected knowledge.

Keyword: education. resistance pedagogy. teacher training. students.

INTRODUÇÃO

A concepção de educação formativa, embora seja debate antigo, não deixa de ser pauta na atualidade contemporânea, que se relaciona e impacta diretamente à vida das pessoas. Vivemos em tempos de horror ao tempo pandêmico pela Covi-19, o que evidenciou ainda mais a evasão escolar e a vulnerabilidade social, índices de uma ferida antiga, fato que afeta, sobretudo, as pessoas com menor poder aquisitivo, que embora às margens da sociedade, possui sua vida sob vigilância da artificialidade das máquinas.

Posto isso, essa pesquisa apresenta o seguinte questionamento: Estamos formando sujeitos críticos ou reproduzindo um modelo ultrapassado e unilateral? Diante da problemática, objetivou-se analisar reflexões acerca da capacidade de transformação da dialética da pedagogia da resistência para os tempos atuais. Para isso optamos por fazer uma revisão bibliográfica das concepções de Marconi e Lakatos (2017), fundamentada pelos estudos de Paulo Freire (1980), Marx (1986) e Henry Giroux (1986).

É notável a presença de influências marxistas e socialistas dentro do movimento de educação que foi uma das várias formas de mobilização adotadas no Brasil, para tentar integrar a educação.

Nesse contexto, Paulo Freire (1987) sugere e define que “Uma pedagogia da resistência deve suplantar a visão acomodada e fatalista da realidade”. (FREIRE, 1980, p. 81). Por sua vez, o seu objetivo é levar voz à classe dos excluídos e reduzir as disparidades entre eles. É uma iniciativa que defende o direito de todos, sem distinção.

A educação de Resistencia é um processo de muitos olhares e várias vertentes que começa no sopro da vida, na busca de construções igualitárias e humanistas e termina com a morte do ser humano. Diante dessa complexidade, para desenvolver essa temática, neste artigo são apontados alguns estudos sobre a educação de resistência.

Sendo assim, na conjuntura do contexto educacional, repleta de paradoxos, onde se concentram as normas e valores compartilhados por todos os cidadãos, em uma educação baseada na sociedade, o espelhamento da realidade e a consciência desta é fundamental para o planejamento da ação (MASSON, 2016).

Nesta trajetória, as mudanças sociais, por intermédio do sistema conservador implantado desde 1549, com chegada dos jesuítas ao Brasil, cuja educação era confiada a uma classe dominante, que detinham o poder, e que fizera esforços no sentido de deixar impressas nos dias atuais as desigualdades no sistema de ensino, principalmente na sala de aula, acompanhada pelo desenho demográfico visto hoje.

É verdade que ainda existem muitos desníveis entre regiões e países globalizadores e globalizados. Sendo assim, tais ações dadas à educação, pela resistência do conhecimento, pelo professor e aluno, devam reforçar os laços sociais que não se ensina com a linguagem estruturada e sim na linguagem social em que os processos de significação acontecem.

Nesse contexto, justifica-se uma pesquisa bibliografia exploratória por (MARCONI; LAKATOS, 2017) com revisão de literatura nos domínios da Scielo, Google Acadêmico e periódicos com pressupostos tema e teóricos como Paulo Freire (1980), Marx (1986), Giroux (1986) Saviani (1991), Brandão (1989) e Edgar Morin (2019) dentre outros autores pesquisadores que defendem o convívio de entrelaçamentos sociais abrindo espaço para o debate em que a educação pública seja para todos e de qualidade.

Por fim, neste artigo constamos que o maior desafio para educação como um ato de resistência é despertar dentro de cada um de nós construtores de novos saberes, experiências e vivências que visem um novo contexto social, político e educacional libertador capazes de transformar os espaços de fala de sonhos em realidade.

CONTEXTO DA EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA

É neste panorama existencial que a educação frisada por Carlos Brandao (1989) está intimamente ligada ao nosso cotidiano, aliás, que se aprende em vários e diversos lugares. Para tanto, conceber a educação como direito de todos como rege a Constituição Federal de 1998, gera rupturas dentro de um sistema fechado e conservador. Esse tipo de oposição a outros, pode

causar e produzir conflito, que segundo a pesquisadora Ferreira (2018) pode ser positivo ou negativo depende do olhar e da importância que damos a ele.

Análogo ao pensamento de Ferreira (2018), Giroux (1986) aborda que “a educação para a cidadania, sendo mediadora da racionalidade social, não pode ser pensada como mero treinamento”, sendo assim, concluímos que essa ruptura é positiva, pois é fruto de muitas lutas, somando séculos de sofrimento entre as minorias, que violadas no seu direito fundamental de ir e vir e de acesso ao saber científico, sentem-se oprimida diante da maioria capitalista que as empurra para as margens da sociedade.

E foi assim que a escola foi estruturada, oscilando entre a ideia de emancipação pela razão e disciplinamento pelo controle. “Ora lugar de pensamento e criação, ora lugar de vigilância e exclusão” (FERREIRA, 2013, p. 01). Nesse caso, fica claro que cada grupo social possui uma educação que lhes é conveniente, ou seja, uma educação que verdadeiramente atenda suas necessidades.

Martins (2017) dialoga em nossa defesa quando ressalta em Marx que a: “produção do ser social, a adoção do trabalho como princípio educativo e, conscientemente, o engajamento na luta de classes”. (p. 248) são essenciais para despertar luzes positivas de coletividade de direitos e deveres que perpassa pelo social e político.

Nesse sentido, a educação é uma sala de aula aberta – é tudo sobre tudo! Tudo é reunido e tudo está contido. Assim, não é demais ressaltar que os autores Giroux e Freire têm pontos centrais na dignidade e respeito dos alunos e professores, que são essenciais para se obter excelência na educação dentro das políticas públicas.

Assim, tanto a natureza quanto a sociedade são formadas por objetos e fenômenos organicamente ligados entre si, dependendo uns dos outros, ao mesmo tempo, condicionando-se reciprocamente (MARCONI; LAKATOS, 2017). Assim sendo, essa interdependência prevê o desdobramento do processo sistêmico, de modo que a teoria e a prática educacional sejam denominadoras academicamente e fortalecida por nossas lutas.

Segundo o autor Rubens Alves (2008) aprendizagem só se torna significativa quando há prazer nas coisas vividas e experienciadas. Hoje não temos dúvidas de que o trabalho mais importante que um professor exercer nas instituições de educação escolar é a formação integral de seus alunos.

Apesar dos ataques de opressão, a educação resistiu em mostrar que o caminho para o progresso está na construção do conhecimento.

Assim, considera-se que as resistências são:

As práticas pedagógicas contra hegemônicas desenvolvidas em um ambiente escolar antirracista, antifascista e antidiscriminatório são caracterizadas pela resistência aos frequentes ataques que vêm sofrendo, sobremaneira nestes tempos políticos antidemocráticos e intolerantes às diferenças e à diversidade. São essas resistências que têm possibilitado afirmações identitárias, revitalizações culturais e redirecionamentos de trajetórias individuais e coletivas. (DIAS, 2019 p.10/11).

Logo, temos que admitir que o professor trabalha sobrecarregado, sem ajuda e sem orientações pertinentes, o que interfere na sua qualidade de vida pessoal e profissional, necessitando, dessa forma, de mediação pedagógica sobre as circunstâncias emergidas no espaço

educativo.

Nesse caminho, como se configura então a educação de resistências nos dias atuais? Configura-se como uma exigência de mercado que se deve adaptar às novas realidades de ensino do século XXI, que vai do presencial ao híbrido, requerendo quebras de sua hegemonia visto que, ainda se efetivam as normas educacionais em gabinetes fechados, por isso ela adquire um caráter controlador.

Para tanto a autora Masson (2019) em seu artigo “O trabalho como fundamento do ser social” onde discorre o pensamento marxismo, no qual ele (Marx) tem como princípio de tudo estar na forma estrutural da organização capitalista e suas nuances sociais, sobretudo quebrando barreiras das dicotomias entre feudalismo e capitalismo. Isto pode ser notado na citação da própria Masson (2017) em que:

Esse processo de superação por incorporação significa que é possível superar as diferentes formas de desenvolvimento do trabalho ao longo da história, como o trabalho escravo, o trabalho servil e o trabalho assalariado, no entanto, é impossível eliminar o trabalho da vida dos homens porque é a partir dele que ocorre a satisfação das necessidades que garantem a sua sobrevivência (p.23)

A julgar pelo exposto acima Martins (2017) vem frisar a relevância que:

É nesse processo de relação dialética entre educação e produção do ser social que surge a polêmica: deve-se mudar a educação para mudar as condições de existência ou deve--se mudar as condições de existência para mudar a educação? (MARX 1986, *apud* MARTINS, 2017, p.255).

Complementando esse pensamento Demerval Saviani (1991) expressa em palavras que: “o homem não se faz homem naturalmente, ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir, para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo (p. 15)”, daí compreender que a educação não se reduz somente ao ensino, mas como tal, participa da natureza própria do fenômeno educativo.

Assim sendo, ver-se numa dualidade entre a educação e a sociedade moderna na qual, tem a funcionalidade da sustentação capitalista, ou seja, os alunos deverão se adequar ao “novo regime” conforme os perfis de mercados de trabalho, que não se atentam a realidade e sequer consultam aspirações para o futuro entre professores e alunos.

Contudo, toda a separação entre os que sabem e os que” não sabem”, do mesmo modo que a separação entre as elites e o povo, é apenas fruto de circunstâncias históricas que podem e devem ser transformada porque não fazem mais sentido permanecerem estruturadas em uma sociedade que vem evoluindo junto à tecnologia. Não faz sentidos velhos moldes para ensinar, assim como não faz sentido a prática separada da teoria.

Os intelectuais Paulo Freire (1980) e Marx (1986) vêm acrescentar a esse debate, em suas teses, que a educação em massa é o problema de enfrentamentos para a formação universal do sujeito. Pois, fez exaltar o trabalho, visto como fonte de toda riqueza e toda cultura. Nesse caso, o que resta? Esperar as mudanças acontecerem acomodado em um banco de escola? Temos a certeza de que não, considerando como discurso as vozes dos excluídos que estabelecem em seu entorno a vivacidade da motivação e das ações que acontecem a todo instante.

Desse modo, na instituição vigente, é possível observar como a linguagem é utilizada

pela educação e a resistência na construção da identidade única, como um clássico tão valioso. A identidade, na verdade, é algo dinâmico, imutável, fixo e homogêneo-visual interessado em construir responsabilidade social científica com essa história de luta.

Diante dessa reflexão, a visão de Paulo Freire está posta no tripé semiótico da ação-reflexão e ação no movimento da compreensão do valor histórico social das práxis entre o mestre (professor) e o seu discípulo (aluno). Por isso, ter força dialética como uma mudança emancipadora enquanto formadora para vida em todas as suas nuances sociais é essencial.

Isso significa que:

Nesse processo, quanto mais o sujeito conhece a realidade, tanto maior será a probabilidade de o pôr sócio teleológico se realizar adequadamente. A escolha das melhores alternativas, pelo sujeito, indica que o fenômeno da liberdade se faz presente na realização da educação como práxis sociais (MASSON, 2019 p.32/33)

De todo modo, os estudos mencionados pelos autores Henry Giroux (1986); Carlos Brando (1989), Paulo Freire (1980) e Demerval Saviani (1991) continuam inspirando quem pensa e produz conhecimento sobre o campo da inovação em educação e resistência são defensores da ideia que dizem da forma como é a educação um processo dialógico no ensino-aprendizagem.

Nesse momento, o professor é um intelectual criticamente transformador que deve educar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e críticos da sociedade, embora estejamos imersos a todo um cenário tecnológico, e que diante da realidade pandêmica pela Covid 19, fora mais incentivado ao avanço pela necessidade, no entanto ainda resiste uma estrutura enraizada de uma pedagogia conservadora que não cabe mais na contemporaneidade, embora, ainda, seja uma velha discussão pautada no universo acadêmico.

Dessas discussões, “a escolha da alternativa mais adequada para a realização do trabalho indica a importância da liberdade dos homens na produção da sua própria história” (MASSON, 2019.p.27). É neste sentido, que a resistência da educação indica que temos que ter o foco no persistir sempre, desistir nunca, sob a égide da reflexão sobre a práxis. Para traçar essa discussão foi necessário estabelecer um caminho metodológicos, que terá mais atenção na sessão seguinte.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A sistematização da metodologia é articulada sob a ótica das práxis na educação pela resistência, como dito anteriormente. Essa é uma pesquisa de natureza básica, pelo método bibliográfico com uma abordagem qualitativa exploratória, objetiva-se por ela uma autorreflexão de nossas tarefas educativas, tanto diante da sociedade como diante do ser humano em sua totalidade, tornando, assim, esse estudo um desafio, visto a hegemonia do poder ser uma constante diante insistência por uma mudança.

Segundo Marconi e Lakatos (2017) toda pesquisa implica em levantamento de dados e as fontes desse levantamento são as mais variadas possíveis, independentemente do método ou técnica empregada. Esse levantamento de dados pode ser de forma direta da fonte, nesse caso fonte primária, ou indireta, configurando a fonte secundária, que é o caso dessa pesquisa, que buscou em fontes secundárias, já publicadas, informações de interesse da temática.

Diante da escolha pelo tipo de pesquisa, traçamos caminhos que compreenderam a escolha do tema e elaboração do plano de trabalho, optando pela coleta de dados por meio eletrônico, que envolvem, identificação dos periódicos, local de coleta, compilação e fichamento, além da análise e interpretação das leituras e finalmente a escrita desse artigo. Marconi e Lakatos (2017, p.44).

Essa pesquisa também é exploratória, porque seu enfoque está voltado às mudanças positivas de reflexão do conhecimento transmitido e às variáveis entre os professores, alunos e sociedade, provocando novas ideias de pesquisa descritiva, sobre o assunto e favorecendo a divulgação do conhecimento.

Ainda nessa justificativa pelo percurso metodológico, vale ressaltar a escolha pela abordagem qualitativa, que se fundamenta pela preocupação com a realidade que não pode ser quantificada, assim sendo significados, aspirações, crenças, valores e outros motivos que estejam muito mais ligadas às relações e aos processos fenomenológicos determinam o diferencial de uma pesquisa com abordagem qualitativa (MINAYO, 1994, p. 21).

Segundo a autora:

A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humana, um lado não perceptível em equações, médias e estatísticas. O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois, a realidade abrangida por ele interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia. (p. 22)

Dessa maneira, essa pesquisa tenta buscar por meio da reflexão sobre uma pedagogia que resiste e tenta se alinhar à realidade, responder a problemática posta nesse artigo, pelos caminhos da valorização da fala do aluno e da “escutatória”, por parte do professor.

Ademais, realizou-se buscas por fontes documentais impressas e eletrônicas, como artigos disponíveis nas bases de dados da Biblioteca Virtual como: Scielo, Google Acadêmico e periódicos, que se relacionassem ao tema pesquisado.

Os resultados dessa pesquisa qualitativa tendem a contribuir para o rompimento de práticas conservadoras, por meio da resistência e pelo fortalecimento da mobilização social que é uma educação sem arramarras, universal, livre e gratuita para o bem de todos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apesar das mudanças atuais dentro do cenário da educação nessas configurações, muitas instituições educativas ainda se organizam em seu arcabouço estrutural e tradicional mantendo-se desigual na linha de conhecimento e tornando-se um modelo operacional conteudista e excludente, que está refletido para o presente na era das máquinas século XX e século XXI juntamente com a pandemia globalizante da Covi-19.

Este Indicador oriundo das discussões dos autores da Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade (BARRETO; ROCHA, 2020), mencionam que “O mundo hoje presencia uma nova forma de comportamento social, com a Pedagogia Pandêmica, as formas de se relacionar, de consumir, as estratégias de trabalhos e, sobretudo, o trabalho docente foram impactados.” (p.2).

Diante dessa relevância uma das formas de medir essa repercussão está no aceleração mais profundo da evasão escolar, que é uma ferida antiga quanta sua vulnerabilidade social ficando em terceiro plano a formação de qualidade de nossas crianças, e inclusive dos nossos professores, efeito do ensino remoto em larga escala mundial.

Como forma de resistir a essas violências, os autores como Paulo Freire (1996) na pedagogia da autonomia (1996) e educação como prática de liberdade (1967) e Maria Ionete Andrade Ferreira (2018) na revista científica “O conflito como uma oportunidade de aprendizagem no âmbito escolar” vem discorrer em seus apontamentos cenas de exclusão da população pobre que ainda se encontram a margem da sociedade.

De fato, ambos trazem elementos de esperança como: “Vida, Salário, Terra”, que culmina baseado no “diálogo do afeto” onde o conhecimento é gerador pela reflexão ressaltando nas palavras de Freire que “a educação é coletiva e não individualista no qual as “palavras têm o caráter libertador político-social” quebrando a falsa sensação de arrumação”.

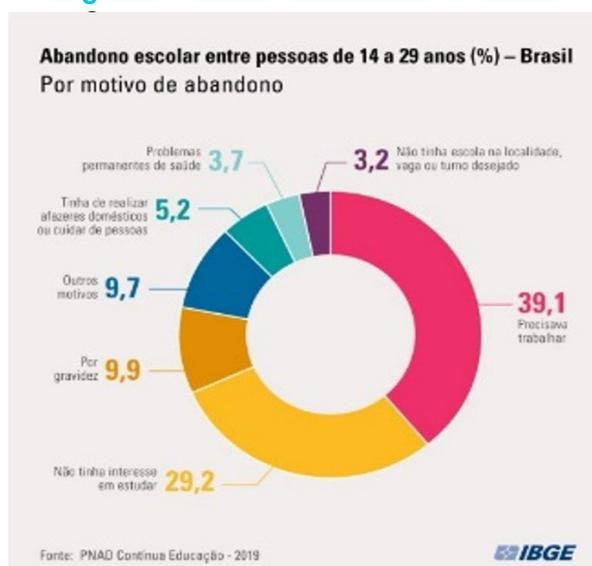
Deste modo, Cadernos de Pesquisa em Educação na sua temática “Educação escolar e resistência: a (des)qualificação do ensino e a obnubilação da consciência” vem mostrar a importância como “A escola e seus professores se tornam os grandes inimigos do orçamento do Estado. A primeira pelo alto custo de sua manutenção e o segundo pela ineficiência de seus métodos”. (MARTINS, CARVALHO, 2017 p.17).

Contudo, analisando a pesquisa nacional por amostra domicílios (PND, 2019) evidenciou, também, que entre a educação e a resistência existe um grande abismo, onde se encontram a evasão escolar e as desigualdades sociais.

Essa é a expressão da crise que vivenciamos e que perpassa por muitas décadas com enormes dificuldades, principalmente de acesso ao aprendizado, chegando ao ensino remoto com índices elevados de afastamento dentro da escola.

De acordo com os dados mostrados abaixo

Figura 1 – Abandono Escolar no Brasil



Fonte: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=pnad, 2020>.

Segundo o relatório do IBGE (2020) o trabalho foi um fator importante à vida, ainda mais

na ocorrência da covid-19, na qual a saúde era o epicentro mundial e a escola deixou de ser prioritária para seu saber educacional e com a saúde abala, a renda per capita rebaixada, a escola desce a escava de prioridades e a linha de frente passa ser o trabalho, para aumentar a renda familiar, a fim de que não se morresse de fome, ou seja, a educação foi colocada como valor de mercado nos meios de produção.

Além disso, de acordo com os autores em periódico da Scielo: “a representação de si e do mundo se forma a partir da aparência imediata que, no contexto das relações mercantis quantificadas esconde o conjunto de relações que fundam o processo de expropriação do trabalhador” (MASSON, SCHLESENE; SUBTIL, 2016, p 45).

Observando a fala do Edgar Morin (2019) na revista *prosa verso e arte* ele menciona que: “a educação precisa ensinar essa consciência de pertencimento a humanidade”. Dessa forma, a atuação na construção de identidades e representações sociais são fatores potenciais para esses pertencimentos, do novo jeito de ensinar.

Assim, nota-se no Dossiê de (SMARGIASSI, 2018 p.194/195) que: “O conhecimento produzido pela escola é um saber baseado no cotidiano de cada um, baseado nas condições de sobrevivência de cada participante da comunidade”, ou seja, que as vozes desses resistentes participantes sejam ouvidas e acalentadas no desejo de mudanças reais e necessárias para nossas escolas e assim possa desenvolver o conhecimento seguro por toda a vida escolar e não escolar.

Os resultados coletados em periódicos e livros mostraram que muitos são os desafios para que a educação e resistência sejam de fato legitimada por melhores condições de acesso. Mostraram ainda, no que diz respeito ao enfrentamento à pandemia pela Covid-19, e ao saber como inerente ao cotidiano, que em uma cultura em que o conhecimento é relativamente um processo associado à uma modalidade não distanciada da sala de aula, as transformações são possíveis, e que o atual contexto desconstrói essa visão unilateral, quando coloca a educação numa posição diversa, e criticamente de resistência pela luta à continuidade e a inovação pela qualidade do conhecimento, sem deixar de valorizar a vida, conforme as concepções de Freire (1996).

Portanto, a análise responde a problemática quanto a estarmos formando sujeitos críticos ou reproduzindo um modelo ultrapassado e unilateral. Assim sendo, diante dos desafios nossa percepção foi que pela necessidade de transformações ficou mais visível a existência de uma educação com raízes conservadoras, que teve que admitir uma dialética pedagógica da resistência para os tempos atuais e a devida importância e valor à vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nova história do tempo, da velha educação, qual se transporta para o futuro a resistência por melhores mudanças, dentro das políticas educacionais, por meio das vozes dos alunos e professores, pede mudanças para um Brasil que vive um período de caos político e inversão de valores.

É deste modo que pela educação a vida sempre foi impulsionada às lutas contra um aprisionamento fora dela. Muitos autores aqui lucidados, entre outros, na coragem de lutar pela

melhoraria formativa da educação para professores e alunos, seguiram em direção a uma maneira de agir e pensar rumo a uma pedagogia de autonomia.

Mas, como sabemos a luta política mobiliza os setores progressistas e faz abalar os alicerces do poder conservador, dentro das políticas públicas da educação, como assegura Martins (2017), a resistência e a oposição, ao quadro conjuntural contemporâneo, determinam um claro posicionamento em defesa da função humanizadora da escola. Ou seja, como forma de Resistência e ação para superar as relações de produção estabelecidas em ordem de capital.

O exposto deixa evidente que a educação deverá estar baseada no saber cuidar e conviver dentro de suas capacidades, competências e habilidades para a formação do professor, aluno e da escola, pois somos seres cada vez mais dotados de maior liberdade, no sentido de trocas no ambiente onde estamos inseridos.

É preciso compreender que: “Pensar é voar sobre o que não se sabe”, relacionando, dessa forma, o pensar sobre a educação em espaços ainda não explorados, mas é sobre o novo que as proposições surgem como uma maneira de mudanças ativas no próprio sistema educacional, no eixo triplo: ver, pensar e inventar, de acordo com a visão de Rubens Alves (2008).

Penso que essa trilogia é o maior desafio para educação e resistência que precisa ser despertada por todos nós como construtores de novos saberes, experiências e vivências, que visem, sobretudo, um novo contexto social, político e educacional, que reflita o fazer pedagógico mais humanista capaz de transformar sonhos em realidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. Por uma educação romântica. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2008b. 207p.

BARRETO, A. C. F.; ROCHA, D. S. COVID 19 e Educação: resistências, desafios e (im)possibilidades. Revista Encantar, v. 2, p. 01-11, 10 maio 2020.

BRANDÃO, C. R. O que é educação. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DIAS, L. O. Prefácio In: MACEDO, A. C.; BARBOSA, J. A. (Org.) Práticas pedagógicas de resistência: a escola como lugar da diversidade [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Ed. Fi, 2019.

FERREIRA, E. P. Prefácio In: MOSÉ, V. A escola e os desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FERREIRA, M. I. A. O conflito como uma oportunidade de aprendizagem no âmbito escolar. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, São Paulo, ano 03, ed. 08, v. 10, pp. 05-13 ago 2018.

FREIRE, P. Conscientização. São Paulo: Moraes, 1980

FREIRE, P. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, H. A. Teoria crítica e resistência em educação para além das teorias de reprodução. Petrópolis Vozes, 1986. 336 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Abandono escolar no Brasil (PNAD), 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINS, M. F. Marx e Engels: Apontamentos Sobre Educação. Rev. Comunic, Piracicaba, v. 24, n. 2, p. 247-266, ago. 2017. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-21X2017000200247&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 fev. 2022.

MARTINS, L. M.; CARVALHO, S. R. Educação escolar e resistência: a (des)qualificação do ensino e a obnubilação da consciência. Cadernos de Pesquisa em Educação. Dossiê Educação e Resistência, n 46, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/educacao/article/view/19330>. Acesso em: 16 fev. 2022.

MARX, Karl. A ideologia alemã (I- Feuerbach). São Paulo: Hucitec, 1986.

MASSON, G. O trabalho como fundamento do ser social e a educação como práxis social. In: SCHLESENER, AH.; MASSON, G.; SUBTIL, MJD (Org.) Marxismo(s) & educação [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016, 268 p.

MASSON, G. O trabalho como fundamento do ser social e a educação como práxis sociais. In: MACEDO, A. C.; BARBOSA, J. A. (Org.). Práticas pedagógicas de resistência: a escola como lugar da diversidade [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Ed. Fi, 2019. 178p.

MINAYO, M. C.S. (Org.); DESLANDES, S.F.; NETO, O. C.; GOMES, R. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORIN, E. Resistir às incertezas é parte da Educação. Revista Prosa Verso e Arte, 2019. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/resistir-as-incertezas-e-parte-da-educacao-diz-edgar-morin/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SMARGIASSI, E. A educação dialética: a luta por uma Educação Emancipadora. Filosofia e Educação, Campinas, SP, v. 10, n. 1, p. 184–199, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8652005>. Acesso em: 16 fev. 2022.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-crítica: Primeiras aproximações. São Paulo. Cortez:Autores associados, 1991.